



XI SEMANA NACIONAL DE HISTÓRIA DO CFP/UFCG

Histórias dos Brasis: narrativas historiográficas de ontem e hoje

27 a 30 de agosto de 2019 | Cajazeiras, Paraíba

ORDEM DE APRESENTAÇÕES

ST 09: HISTÓRIA POLÍTICA NO BRASIL REPUBLICANO:
PODER LOCAL, PARTIDOS POLÍTICOS, TRAJETÓRIAS E
PARTICIPAÇÃO POLÍTICA

COORDENADORES: Profa. Carla Schayane Costa Silva
Profa. Dêis Maria Lima Cunha Silva

28/08:

**DR CAMPOS SALES: A REPÚBLICA OLIGÁRQUICA EM NOME DA ORDEM E DO
PROGRESSO DO BRASIL**

*Juvandi de Souza Santos
Lucas Porto*

RESUMO

A política e a personagem do Doutor Campos Salles, Presidente do Brasil (1898-1902), quicá sejam bastante conhecidas nos meios acadêmicos. No entanto, criou-se, via de regra, imagem negativa da mais marcante face da sua administração: o estabelecimento da «Política dos Estados» e a propiciação daquela que seria chamada «Política do Café-com-Leite», ambas vistas como consolidadoras dos modelos Oligárquico e Autoritário da Primeira República. Destarte, o presente Artigo, em vistas a lançar enfoque diverso, desprovido de certos juízos prévios, nocivos ao exercício efetivo da Historiografia, sobre o Governo Campos Salles, buscará, sucinta e objetivamente, demonstrar a necessidade dos supramencionados arranjos políticos que foram estabelecidos neste período, no intuito de garantir estabilidade política nacional e a agenda econômica da Administração, que almejava recuperar o Brasil da gravíssima crise do Encilhamento, cujos efeitos se faziam sentir desde os primórdios do Regime Republicano.

**TRADIÇÃO, PERSONALISMO E PODER: AS ELITES POLÍTICAS DA PARAÍBA E
AS TRANSFORMAÇÕES DOS GRUPOS FAMILIARES E PARENTELAS (1930 – 1945)**

Mariana Karen Alves dos Santos

RESUMO

Uma nova configuração nas dinâmicas de poder marcou o Brasil depois da “Revolução de 1930”. Com isso, o contraste político paraibano deveria adequar-se às novas regras, que visavam quebrar a hegemonia dos grupos oligárquicos locais, de modo a resultar em novos ajustes nos jogos de poder dos grupos políticos na Paraíba pós-1930. De certo, alguns aspectos tendem a se repetir nesse cenário, práticas e elites que permanecem com suas origens coimbrãs, além de uma política baseada no tradicionalismo e personalismo, com bases no funcionamento das parentelas que dominam as engrenagens do jogo político local. Embora o cenário nacional apresentasse uma nova proposta que visava erradicar as oligarquias do poder, a presente pesquisa revela, através da coleta de informações sobre as eleições para deputados federais, estaduais e senadores, em 1933 e 1945, estes não se distinguem das mesmas famílias e características presentes desde o período oligárquico, que moldam a estrutura do poder local.

LUIZ GONZAGA CANTANDO PELA PAZ DO EXU, CONFLITO OLIGÁRQUICO ALENCAR VERSUS SAMPAIO

*José Cunha Lima
Sandeilson Beserra Nunes*

RESUMO

Este artigo se propõe a analisar as rivalidades políticas das oligarquias exuenses dos Alencar – Boca Branca – e dos Saraivas – Boca Preta – que extrapolou os espaços regionais do Pernambuco e que ceifou muitas vidas e durou mais de meio século de conflitos pelo poder político local. Nesse contexto analisamos a figura de Luiz Gonzaga não como músico, mas como personagem político que buscou apaziguar os ânimos e a paz na pacata cidade de Exu se utilizando do seu prestígio como músico que fez muito sucesso no Sul. As discussões buscam analisar os discursos presentes nos Jornais da época além de coleta de informações por meios de documentários. Como referências teóricas utilizamos (DREYFUS, 2012), (ÂNGELO, 1990-2006) e (SOBRAL, 2013).

BISPO DO SERIDÓ: AS VISÕES DO CORONELISMO EM JOSÉ BERNARDO DE MEDEIROS

Dikson de Almeida Freire

RESUMO

O objetivo dessa comunicação é analisar as representações do coronelismo construídas em torno da figura de José Bernardo de Medeiros e postas em circulação por Manoel Dantas (Revista do IHG-RN, 1907), pe. Eymard L’E. Monteiro (Caicó: subsídios para a história completa do município, 1945) e José Augusto (Seridó, 1954), mas também postas a partir dos jornais da época, como O povo, periódico que circulou na cidade do Príncipe (Caicó) de 1889 a 1892. Correio do Natal (1878-1880) e Gazeta do Natal (1888-1890), noticiários ligados ao partido conservador na capital. Tais fontes são tratadas levando em consideração a História Cultural através do esquema conceitual elaborado por Roger Chartier (1990, 2002, 2007), sendo esse, apropriação, representação e circulação, por nos permitir entender como pensam e sentem as pessoas em dado período. Para tratar do coronelismo dialogamos com Leal (2012), Pang (1979),

Janotti (1981), Queiroz (2006) e Soares Neto (2017). Este trabalho se justifica, ainda, tendo em vista a importância de José Bernardo no cenário político local durante a transição do Império para a República e a falta de trabalhos que analisem mais profundamente sua figura. Percebemos, então, que desta maneira as diferentes representações circunscritas dentro de um espaço geográfico (Seridó potiguar) criaram a versão sobre José Bernardo de Medeiros de guia natural, líder espontâneo, autoridade que todos acatavam. Alguém que se obedecia não pelo temor, mas de forma natural, sendo inclusive e talvez por isso, chamado de – mesmo não sendo clérigo – Bispo do Seridó, por seus adversários do partido conservador.

VARGAS E A (RE)ASCENSÃO CLERICAL: RELAÇÕES POLÍTICAS E SOCIAIS ENTRE O ESTADO E A IGREJA CATÓLICA NA ERA VARGAS (1930-45).

Jefter Cavalcante Porto

RESUMO

O presente artigo visa elucidar a relação simbiótica entre o governo de Getúlio Vargas e a Igreja Católica, enquanto instituição ideológica, período correspondente ao germe do processo de “Restauração Católica” no Brasil. Desta feita, no bojo do aporte teórico foram feitas análises pautadas por uma discussão com as reflexões de Azzí (1978) e Bruneau (1974), amalgamadas com outras escritas do tema mais recentes e com enfoques analíticos distintos, que não cabem aqui serem alongadas, por essa razão, metodologicamente, tomamos por base uma pesquisa de cunho majoritariamente bibliográfico. Compreendemos, pois, que o governo Vargas utilizava o catolicismo, e a instituição da Igreja Católica, como fortes aliados, na busca por legitimar a sua perspectiva trabalhista e industrializante perante a população. Ao passo que a Igreja valeu-se dessa união galgando restabelecer sua influência entre as elites econômicas e, sobretudo, políticas, em decorrência da ascensão do ideal anticomunista enamorado por setores eclesiásticos e estatais.

29/08 :

A POLÍTICA PARAIBANA NO PÓS-ESTADO NOVO (1945-1950)

Waniéry Loyvia de Almeida Silva

RESUMO

Logo após a queda do Estado Novo, na Paraíba podemos observar a acomodação das várias facções oligárquicas dentro da nova estrutura de poder estabelecida. Com o advento da democratização coube a essa elite paraibana se agrupar dentro dos recém criados partidos. Tal agrupamento se dava por afinidades ideológicas, econômicas e políticas. Entretanto, diante da relutância de alguns políticos paraibanos em tomar posição, é possível afirmar que durante os primeiros meses, a política paraibana esteve indefinida. A causa para tal, se deu pelo fato de haver uma série de políticos com trajetórias consolidadas, mas que não necessariamente partilhavam dos mesmos ideais, daí a dificuldade de agrupa-los em apenas um único partido. Um exemplo disso seria a indefinição dentro da União Democrática Nacional (UDN) paraibana, por conta da disputa entre Argemiristas e Americistas, que não se davam bem, mas que estavam naquele momento na mesma situação de oposição ao governo que acabava de ser destituído. Pensar esse jogo político de interesses que permitiu a velhos inimigos se aproximarem e

comungarem na mesma mesa (partido), a fim de manter suas posições de destaque, sua influência e poder e analisar a composição de outras legendas como o Partido Social Democrático (PSD) e o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), para compreender melhor como se deu a política no período de redemocratização na Paraíba, são as propostas deste artigo. Para tal, nos basearemos nos estudos feitos por Monique Cittadino (1998; 2006), autora que já se debruçou sobre este período da historiografia paraibana.

“O COMUNISTA DA UDN”: A ATUAÇÃO POLÍTICA DO VEREADOR CABRAL BATISTA NA EXPERIÊNCIA DEMOCRÁTICA (1947-1964)

Carla Schayane Costa Silva

RESUMO

Neste trabalho analisamos a atuação e a trajetória política de um dos vereadores que compuseram a Câmara Municipal de João Pessoa no contexto da experiência democrática (1947-1964). João Cabral Batista foi eleito pela União Democrática Nacional (UDN) no pleito de Outubro de 1947, sendo o vereador mais votado de então. Acreditamos que o estudo de sua trajetória enquanto agente político nos auxilia a compreender melhor o período de restabelecimento do regime democrático. Ao longo de sua trajetória, Cabral Batista esteve engajado com pautas sociais e ocupou diversos cargos, construindo a partir deles seu capital político. Nosso trabalho se insere no campo da História Política renovada, tendo como principal referencial teórico Remond (1988) e Bordieu (1998). Como fontes, foram utilizados os arquivos eletrônicos do TRE-PB, os principais periódicos em circulação na época, atas das sessões da Câmara Municipal de João Pessoa, além de um documentário que narra a história da instituição.

REVISIONISMO E NEGACIONISMO QUE RONDAM A DITADURA MILITAR

Karen Nadja de Souza Morais

RESUMO

“Numa época de mentiras universais, dizer a verdade é um ato revolucionário.” A frase foi tirada do livro 1984 do autor George Orwell, no qual a história retrata um período de opressão, tortura e perda da democracia. Período esse que se assemelha ao regime militar brasileiro, que devido aos últimos acontecimentos no cenário político, vem sendo amplamente discutido em rodas de conversas, debates e no meio acadêmico. O fato é, vem se falando em uma “ditabranda”, o que vem causando um revisionismo sobre o que foi o regime militar, e surgindo ideias tais como, “Não existiu ditadura no Brasil”, “o regime militar não foi ruim”. Se não foi uma ditadura, como se define um período em que a democracia não existiu? Há um número mínimo de torturados para se afirmar que havia tortura? É correto extinguir partidos opositores? Utilizar da liberdade de expressão para pedir de volta um período que censurou todo e qualquer um que se opusesse a ele, qual o sentido nisso? Mas, vamos ao que interessa qual seria o objetivo dessa onda de negacionismo histórico? O professor da USP Marco Napolitano em entrevista ao jornal El País afirmou: “A diferença é sutil, mas revisionismo está dentro de debate historiográfico, se ancora em métodos aceitos, cria novos objetos de pesquisa, fazendo com que o próprio historiador questione suas crenças, o que

é saudável”, E sobre o negacionismo afirmar: “Já o negacionismo tem um ponto de partida ideológico, com objetivo de ocultar o passado. ” Ou seja, em quanto o revisionismo busca a evolução da historiografia o negacionismo é justamente o contrário, é um atraso. Sendo assim, essa proposta visa verificar o surgimento desse negacionismo usando como base o revisionismo e de que maneira ele pode influenciar na educação, não só atualmente como também alterar a leitura desse capítulo da história ao longo do tempo.

A POLÍTICA ECONÔMICA DE IVAN BICHARA NA PARAÍBA (1975-1978)

Michell Alves de Almeida Ricarte

RESUMO

Essa comunicação tem por objetivo entender a política econômica do governador paraibano Ivan Bichara, entre os anos de 1975 e 1978. O faremos a partir da compreensão do binômio “segurança e desenvolvimento” e seus impactos na Paraíba. Para tal, alguns periódicos foram analisados, como, por exemplo, o Jornal da Paraíba e a revista o Fisco. Compreendo que o projeto de desenvolvimento estadual no período esteve dentro duma óptica maior de “modernização autoritária” do Brasil e que a Paraíba esteve marginalizada neste processo: quero dizer que o “desenvolvimento” na época da ditadura militar acentuou as dependências do país com o capital internacional, sob uma Divisão Internacional do Trabalho e que o “desenvolvimento” aqui na Paraíba se fazia num aprofundamento das relações de dependência do estado em relação aos núcleos industriais do país, ou seja, agora falamos em Divisão Nacional do Trabalho.

OS DESAFIOS DO GOVERNO DE JOÃO BATISTA FIGUEIREDO (1979-1985) NA SEGUNDA FASE DA TRANSIÇÃO PARA A ABERTURA POLÍTICA NO BRASIL.

Deis Maria Lima Cunha Silva

RESUMO

O estudo que se segue discorre sobre os desafios enfrentados pelo governo de João Figueiredo (1979-1985), no período em que os historiadores denominaram de segunda fase da transição para a abertura política no Brasil. Deste modo, esse estudo tem como objetivo principal analisar de que maneira este governo lidou com os desafios sociopolíticos para dar continuidade ao processo de redemocratização. O novo governo instaurou a Lei da Anistia, enfrentou o movimento pelas eleições diretas. O colégio eleitoral, por meio do voto indireto elegeu em 15 de janeiro de 1985, um civil para presidente do Brasil que prometeu dar continuidade ao projeto e “encaminhar” o Brasil de volta a democracia. Os referenciais teóricos consultados para a pesquisa foram: Skidmore (1988), Cordão (2018), Lamonier (1990). Fizemos uso do Jornal A união. Esta pesquisa foi desenvolvida na perspectiva da Nova História Cultural, contribuirá e com novos estudos e novas pesquisas que tratem do tema da abertura política.

“IDEOLOGIA, EU QUERO UMA PRA VIVER”: UMA VISÃO FILOSÓFICO-TEÓRICA BASEADA EM HERMAN DOOYEWEERD ACERCA DO MOVIMENTO ESTUDANTIL NA UFRRJ NA DÉCADA DE 1980 E 1990

Aline Cristina de Melo Lacerda

RESUMO

Esta pesquisa é parte do meu trabalho como bolsista da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, através do programa “Bolsas de Residência em Iniciação Profissional na Área de Gestão Aplicada a Projetos Educacionais”, que iniciei em janeiro deste ano – 2019. Até então, tenho atuado catalogando arquivos do Centro de Memória desta mesma universidade citada. Dentro deste processo, encontrei diversos documentos, incluindo registros do Diretório Central de Estudantes (DCE) da UFRRJ e da UNE (União Nacional dos Estudantes). O que mais me chamou a atenção foram as falas e escritos políticos desses diversos panfletos, no qual trarei algumas leituras. O objetivo do DCE era (e é até os dias atuais) lutar para garantir os direitos dos estudantes dentro da universidade. Portanto, quaisquer que fossem os documentos encontrados, estes transbordavam militância sobre um viés marxista. A luta estudantil, não apenas no Brasil, mas no mundo inteiro, se caracterizou muitas vezes com uma essência praticamente religiosa. Esta é contemporânea a outras manifestações sociais entre operários e no mundo rural, que também exprimem as mesmas características advindas de uma sede de redenção sob filosofias à esquerda. Para definir o que é este princípio regulador do “homem religioso”, usaremos os pensamentos do filósofo holandês Herman Dooyeweerd. Este, inicialmente, seguindo os pensamentos de Agostinho e João Calvino, formula uma espécie de conceito chamado de “impulso religioso inato do ego”. Por causa deste “impulso religioso”, o “eu” encontra seu significado em relação a um absoluto – seja a Origem do ser (o Criador), seja em relação a outro “absoluto” imaginado ou postulado, pelo qual o ego “absolutiza” um aspecto da ordem temporal como substituto de sua verdadeira origem. Portanto, o impulso religioso – que é estrutural, “inerente” ao ser – pode assumir diferentes direções: ou uma direção bíblica em relação à verdadeira Origem, ou uma direção apóstata (SMITH, 1999, p. 28). Isso se aplica muito bem a realidade do movimento estudantil, que, como referenciamos, estão baseados em ideais do filósofo e historiador alemão Karl Marx, que ganharam espaço no pensamento acadêmico no século XX. Para Marx, a história era movida pela luta de classes - “Homem livre e escravo, patrício e plebeu, barão e servo, mestre de corporação e companheiro, numa palavra, opressores e oprimidos, em constante oposição” (MARX, 1848). Este processo, que se dava grosso modo em uma “competição de interesses econômicos”, que chegaria a um determinado patamar, que ele chamou de “revolução do proletariado”, no qual os trabalhadores tomariam o poder e subjugariam a classe que os explorava (a burguesia), até que seu apogeu seria uma sociedade na qual as diferenças capitais não existiriam mais. Frente a uma era que vivia as consequências da tecnológica, porém também desordenada e devastadora revolução industrial, através de revoltas por todo o universo europeu as ideias comunistas encontraram abrigo tanto nos pensadores das mais refinadas universidades que buscavam entender a realidade ao seu redor, como nos corações acalorados por justiça dos proletários nos corredores das fábricas.

O marxismo se tornou uma ideologia crescente, saindo de seu berço europeu para o mundo, continuando influente em diversas formas de pensar e constituindo uma ótica sob a qual muitas coisas são enxergadas por diversos grupos, incluindo os estudantes das universidades públicas brasileiras.

Essa perspectiva dos escritos de Marx é praticamente redentiva, pois traz a linha de raciocínio que o trabalhador garantirá a sua liberdade das amarras dos detentores do meio de produção com a progressiva ascensão do comunismo. Os estudantes ligados a movimentos de reivindicações bebem dessa fonte a partir do momento em que também se veem como parte dessa classe trabalhadora brasileira presente nas universidades, na qual esta última sofre constantes ameaças consideradas neoliberais. Essa narrativa entre os meios estudantis se tornou muito forte na década de 1980 e 1990 com as práticas dos governos brasileiros naquele tempo. Toda esta movimentação estudantil buscando por investimentos nas universidades públicas conta com assembleias, congressos, reuniões, na qual os estudantes se unem dentro de seu campus para exigir as medidas necessárias para sobrevivência dentro da universidade, assim como também se organizam de maneira que cobrem o Estado para que este possa prover uma educação de qualidade a qual vigore no país. Seguindo, portanto, a lógica marxista, os estudantes universitários são a classe oprimida, o interesse neoliberal são as propostas das classes burguesas, e por fim, a universidade pública, gratuita, laica, democrática e de qualidade é um dos mais altos símbolos da conquista popular. Desta forma, garantindo sua característica filosofia, os movimentos estudantis ganham acalorados militantes que fazem da sua estada na universidade essa batalha travada contra os intentos capitalistas, e é aí que entramos com as perspectivas dooyeweerianas sobre o homem religioso, pois estas leituras de mundo se encaixam perfeitamente, já que os estudantes trazem do pensamento marxista essa visão de mundo, assim como para a realidade que estão vivenciando, que é a universidade, de maneira redentiva, como já expliquei nos parágrafos acima. Portanto, o envolvimento com o movimento estudantil se torna uma tarefa religiosa, no qual o ganho dos direitos é a redenção, ou seja, a liberdade das cadeias capitalistas que oprimem os estudantes.

30/08 :

DEMOCRACIA BRASILEIRA SEMPRE EM CORDA BAMBA OU ILUSÓRIA?

Amanda Pereira Cavalcante

RESUMO

Basta apenas um breve debruçar sob a conjuntura política brasileira desde sua instauração como República para notarmos a grande fragilidade que constitui a democracia como um sistema político regente no Brasil. Sua constante intercalação entre sistemas autoritários faz a democracia um sistema delicado e fácil de ser rompido. Em 129 anos de República, o Brasil teve até hoje 36 governantes, sendo somente um terço deles, ou seja, doze, eleitos diretamente e que terminaram o mandato. De 1926 para cá, a proporção é ainda mais chocante: dentre 25 presidentes, apenas cinco foram eleitos pelo voto popular e permaneceram no posto até o fim. Podemos analisar esse fato a partir da própria construção do Brasil desde território colonial e suas "conquistas" sem lutas populares para a construção de uma nação e de uma pátria, além de

toda raiz que acaba por resultar no funcionamento ou o não funcionamento de um sistema governamental preocupado com o seu povo.

A RIDICULARIZAÇÃO POLÍTICA NA CAMPANHA ELEITORAL DE 2018: INTERPRETAÇÃO DOS MEMES E DAS FAKE NEWS CONTRA A CANDIDATURA DO PT

*Matheus Henrique da Silva Alcântara
Alex Alves Campelo*

RESUMO

O presente artigo se propõe a realizar uma discussão sobre a utilização de zombarias na última eleição de 2018, tendo como ferramenta principal o Fake News, ou seja, para ridicularizar a candidatura do Partido dos Trabalhadores, notadamente em períodos de turbulência política, social e polarização ideológica. Primeiramente se analisará a disseminação das notícias falsas em redes sociais no âmbito nacional. Por meio dos memes espalhados através de um aplicativo WhatsApp, que modificaram a política brasileira e interferiu no resultado eleitoral. Como fontes para embasar a pesquisa, serão utilizados os memes divulgados pela referida mídia digital, cujo conjunto de imagens já se encontra armazenado em um banco de dados por nós construído. Teoricamente, a pesquisa será fundamentada a partir de leituras de autores que trabalham na linha da História política com ênfase na linguagem do humor, da sátira e da zombaria. Entre esses, podemos citar: Élio Flores e Elias Thomé Saliba. Para interpretar os textos iconográficos se faz necessário uma leitura do contexto histórico do tempo presente, para isso, utilizaremos referências bibliográficas como A Elite do atraso (Jessé de Souza) e André Singer (As contradições do Lulismo).

LULISMO X BOLSONARISMO: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS

Arthur Reginaldo Oliveira Braga

RESUMO

O presente trabalho tem como intuito realizar uma análise comparada de dois fenômenos políticos que marcaram a sociedade brasileira nos últimos anos, especificamente entre 2004 e 2018: o lulismo e o bolsonarismo. Partindo das reflexões, que serão norteadoras desse trabalho, de André Singer, Emanuel Freitas da Silva e de Jairo Nicolau, desenvolvo o tema evidenciando as aproximações e distanciamentos que marcam as duas manifestações políticas. Como bibliografia suplementar, utilizo os trabalhos de Jessé de Souza, em sua Elite do Atraso, assim como textos que auxiliam a compreensão do período em que o Brasil sofreu sua guinada a direita, das manifestações em 2013 até a eleição do presidente Jair Messias Bolsonaro, sendo eles os trabalhos do Jacques Rancière e da Esther Solano Gallego.